

Os desafios da migração diária para a formação superior dos estudantes da comunidade quilombola Dona Juscelina (CQDJ) em Muricilândia-TO

Antônia Márcia Duarte Queiroz **Lucas Espindola da Silva**
Universidade Federal do Norte do Tocantins Universidade Federal do Norte do Tocantins

RESUMO

Este trabalho, sob a perspectiva educacional dos estudantes quilombolas, analisa os desafios de cursar o ensino superior. Tais desafios envolvem a migração pendular, mais precisamente, o ato de ir e vir para estudar. O deslocamento se dá entre dois municípios, Muricilândia-TO, a cidade de origem, e Araguaína-TO, cidade onde se localiza a instituição pública mais próxima, a Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT. O objetivo desta pesquisa é mostrar os desafios e possibilidades do movimento pendular dos estudantes Quilombolas, para a formação superior na realidade dos acadêmicos da Comunidade Quilombola Dona Juscelina – CQDJ. Em específico, busca-se discutir sobre os problemas diários desses estudantes para cursar o ensino superior. A metodologia é a abordagem qualitativa e a abordagem quantitativa, por meio de um estudo de caso. Com efeito, a investigação possibilitou aprender mais sobre a realidade de formação desses estudantes e a importância da migração pendular e sua especificidade, tendo em vista que, para muitos deles, essa é a única forma de continuar os estudos após a conclusão da educação básica, sem ter que sair da comunidade de origem para morar em outras cidades.

Palavras-chave: Educação superior. Comunidades. Contexto regional.

The challenges of the daily migration for higher education of students from the comunidade quilombola Dona Juscelina (CQDJ) in Muricilândia-TO

ABSTRACT

This work, from the educational perspective of quilombola students, analyzes the challenges of attending higher education. Such challenges involve pendulum migration, more precisely, the act of coming and going to study. The displacement takes place between two municipalities, Muricilândia-TO, the city of origin, and Araguaína-TO, the city where the nearest public institution, the Federal University of Northern Tocantins/UFNT, is located. The objective of this research is to show the challenges and possibilities of the pendulum movement of Quilombola students, for higher education in the reality of the academics of the Dona Juscelina Quilombola Community – CQDJ. Specifically, it seeks to discuss the daily problems of these students to attend higher education. The methodology is the qualitative approach and the quantitative approach, through a case study. In fact, the investigation made it possible to learn more about the reality of these students' education and the importance of commuting and its specificity, considering that, for many of them, this is the only way to continue their studies after completing basic education, without having to leave their community of origin to live in other cities.

Keywords: Higher education. Communities. Regional context.



Los desafíos de la migración cotidiana para la educación superior de los estudiantes de la comunidade quilombola Dona Juscelina (CQDJ) en Muricilândia-TO

RESUMEN

Este trabajo, desde la perspectiva educativa de los estudiantes quilombolas, analiza los desafíos de asistir a la educación superior. Tales desafíos involucran la migración pendular, más precisamente, el acto de ir y venir a estudiar. El desplazamiento se produce entre dos municipios, Muricilândia-TO, la ciudad de origen, y Araguaína-TO, ciudad donde se encuentra la institución pública más cercana, la Universidad Federal del Norte de Tocantins/UFNT. El objetivo de esta investigación es mostrar los retos y posibilidades del movimiento pendular de los estudiantes quilombolas, para la educación superior en la realidad de los académicos de la Comunidad Quilombola Doña Juscelina – CQDJ. Específicamente, se busca discutir la problemática cotidiana de estos estudiantes para asistir a la educación superior. La metodología es el enfoque cualitativo y el enfoque cuantitativo, a través de un estudio de caso. De hecho, la investigación permitió conocer más sobre la realidad de la educación de estos estudiantes y la importancia de los desplazamientos y su especificidad, considerando que, para muchos de ellos, esta es la única forma de continuar sus estudios después de completar la educación básica, sin tener que salir de su comunidad de origen para vivir en otras ciudades.

Palabras clave: Enseñanza superior. Comunidades. Contexto regional.

INTRODUÇÃO

Os pressupostos para discutir a temática aqui apresentada foram as observações de vivências de uma realidade e resultados de pesquisas. Assim, iremos desenvolver, mais precisamente, um estudo sobre como os acadêmicos da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (CQDJ) estão inseridos na educação superior e as nuances que perpassam essa formação. Cumpre mencionar que buscamos compreender e compartilhar esses resultados de pesquisa reconhecendo que cada acadêmico tem obrigações e rotinas diferentes.

Trata-se de um debate indispensável para pensar a formação de inúmeros estudantes, por meio de uma prática comum no contexto regional, mas com algumas especificidades no interior do estado do Tocantins. O deslocamento, ou migração pendular, de estudantes para prosseguir nos estudos após a educação básica, produz dinâmicas distintas, como o deslocamento para outra cidade, ou o deslocamento diário, objeto desta análise. Posto isso, a pesquisa se justifica pela relevância do tema, embora, muitas vezes, tal ação passe despercebida, já que se tornou algo comum e corriqueiro para muitas pessoas.

A migração pendular de que iremos tratar envolve um deslocamento intermunicipal. Nesse sentido, é necessário enfatizar que o deslocamento se torna algo complexo quando envolve horários e rotinas que divergem entre si.

Assim, a pesquisa busca elucidar a seguinte problemática: Quais os desafios diários na migração pendular para cursar o ensino superior dos acadêmicos quilombolas do município de Muricilândia-TO? Em especial, quais os desafios e possibilidades desses estudantes,



mediante esse deslocamento diário até a instituição de ensino superior público, a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – na cidade de Araguaína-TO?

Para a reflexão sobre a migração pendular na educação superior dos acadêmicos da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (CQDJ) em Muricilândia-TO, delimitamos um recorte temporal, sendo estudados os anos de 2018 até a atualidade. Sob esse recorte, são discutidos o deslocamento, a alteração de rotina e o período da pandemia de covid-19, que, por sua vez, modificou os meios de acesso à universidade.

Quanto ao recorte espacial, o tema se dedica aos acadêmicos quilombolas da Comunidade Dona Juscelina em Muricilândia-TO. Dito de modo mais claro, o recorte abarca a comunidade em questão, inserida na área urbana da cidade supracitada, que se localiza no Norte do Tocantins.

A intenção primordial desta investigação foi mostrar os desafios para a formação em nível superior dos acadêmicos da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (CQDJ). Em específico, almejamos refletir como o deslocamento diário influi diretamente na vivência e convivência dos acadêmicos quilombolas, identificar as dificuldades enfrentadas na jornada diária de deslocamento em 2018 e 2019, bem como analisar as consequências da interrupção desse movimento pendular dos acadêmicos, no período da pandemia de covid-19 no ano de 2020.

Uma vez que a perspectiva educacional tem sua importância e relevância, a percepção da pesquisa é justamente os acadêmicos no meio educacional, os quais alteram seus horários e suas rotinas e a vivência cotidiana, no deslocamento diário até a instituição de ensino superior.

A problemática discutida gira em torno da entrada na universidade, da permanência na instituição e do modo como se desenvolve tal movimento. Em outras palavras, o fenômeno da obrigatoriedade da migração diária traz consigo diversos entraves e dificuldades, que são percebidos dia a dia, durante todos os períodos de formação acadêmica. Isso porque a demanda de tempo e disponibilidade é constante.

Por outro lado, a migração pendular serve para buscar uma estabilidade entre o cotidiano familiar e o estudantil. Ou seja, é a forma de o acadêmico não precisar realizar uma mudança completa da sua localidade para o local de estudo, que, nesse caso, seria deixar a cidade de Muricilândia-TO para morar na cidade de Araguaína-TO. Nesse sentido, possibilita a permanência do acadêmico em seu lugar de origem, realizando um percurso entre universidade e local de origem diariamente.

A metodologia aplicada compõe a abordagem qualitativa, no âmbito descritivo, pois visa à observação do fenômeno e ao estudo bibliográfico. A pesquisa se identifica como um estudo de caso, visto que permite aos investigadores focar em um “caso” e reter uma perspectiva holística do mundo real – como no estudo dos ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos (YIN, 2015, p. 4).

Para Godoy (1995), quando estamos lidando com problemas pouco conhecidos e a pesquisa é de cunho exploratório, esse tipo de investigação parece ser o mais adequado. Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como



um todo, utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa, boas práticas e sugestões na sua complexidade, a análise qualitativa é a mais indicada. Ainda quando a preocupação for a compreensão da teia de relações sociais e culturais que se estabelecem no interior das organizações, o trabalho qualitativo pode oferecer dados bastante relevantes. Dessa maneira, a opção pela metodologia qualitativa se faz após a definição do problema e do estabelecimento dos objetivos da pesquisa.

Pontuamos que o estudo de caso referente ao cotidiano dos estudantes quilombolas pode ser visualizado a partir da observação do deslocamento de um município a outro, por meio da análise dos vários tipos de relações, de caráter pessoal, social, cultural, entre outros.

Godoy (1995) acrescenta que o enfoque qualitativo apresenta as seguintes características: o pesquisador é o instrumento-chave; o ambiente é a fonte direta dos dados; não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos; tem caráter descritivo; o resultado não é o foco da abordagem, mas sim o processo e seu significado. Assim, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto de estudo.

Essa interpretação se efetiva a partir dos resultados das respostas do instrumento de coleta de dados, o questionário, e da descrição da rotina de convivência diária dos estudantes expostos nas questões abertas.

Cachinho (2011) compreende que a aplicação do método científico na resolução de problemas sociais e ambientais como estratégia adequada à resolução de problemas e o estudo de caso na categoria aplicação do conhecimento incluem pensamentos críticos (capacidade de analisar e criticar problemas) e práticos (desenvolver capacidades relacionadas com a resolução de problemas e as tomadas de decisão), a criatividade (criar novas ideias, produtos e perspectivas) e ainda a gestão de projetos complexos (coordenar diferentes tarefas num projeto). Para o referido autor, o estudo de caso viabiliza que os alunos, perante problemas concretos, sejam capazes de idealizar soluções mobilizando os conhecimentos, os conceitos e as técnicas geográficas.

De acordo com Almeida (2016), a finalidade dos métodos científicos para o pesquisador é auxiliar na análise de conhecimentos científicos, procedimentos, técnicas e instrumentos, possibilitando um melhor aproveitamento dos estudos. De mais a mais, auxilia no uso das normas oficializadas de instituições especializadas, no pensamento crítico, na investigação científica, nas soluções de problemas, desde as primeiras atividades universitárias de resumos e fichamentos a pesquisas, por exemplo, monografias.

Portanto, a abordagem utilizada será qualitativa, mas também quantitativa, sendo que os dados obtidos por intermédio de trabalho de campo e questionário traduzem em gráficos as análises desta pesquisa.

Este texto está dividido em cinco partes, sendo que a primeira trata da metodologia de pesquisa desenvolvida. A segunda discute sobre o deslocamento, além das vivências e convivências adquiridas durante o trajeto. A terceira apresenta as dificuldades enfrentadas durante a jornada dos acadêmicos quilombolas. A quarta trabalha os fenômenos ocorridos durante a pandemia de covid-19 em 2020, os quais alteraram a rotina e a dinâmica, forçando a suspensão do deslocamento diário ao *campus* universitário e a inserção do ensino remoto. Por



último, na quinta parte, há as considerações finais, em que chamamos atenção para prosseguir o debate acerca do acesso à educação para as populações que se encontram nas mais distantes regiões do Brasil.

ABORDAGEM CONCEITUAL E RECORTE ESPACIAL

Perpassa a vida do homem uma certa necessidade de “descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes” (BNCC, 2018, p. 346). E isso se volta para o contexto educacional.

As habilidades que seguimos, conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (2018), envolvem fatores históricos e condicionantes e estão diretamente atreladas à busca por melhorias de vida, por novas conquistas, por deslocamentos, por tudo que faça o indivíduo seguir em frente com seus objetivos e metas.

Quando se fala de migração, muitos pensam em grandes jornadas, afinal fomos ensinados dessa forma. Pensamos em migração como uma mudança de local em busca de melhores condições para desenvolvimento da vida, seja mais conforto, seja mais recursos naturais para sobrevivência, como água. Nessa seara, são decisivas condições climáticas, como verões duradouros ou lugares com maior incidência de chuvas e seus derivados, por exemplo enchentes e temperaturas muito altas. Estes, por sua vez, causam infertilidade do solo, entre outros problemas.

Na verdade, as migrações ou movimentos migratórios podem acontecer por variadas razões, envolvendo desde causas naturais – chuvas intensas, furacões – até causas sociais – guerras, crises econômicas etc.

Então, um dos grandes causadores, talvez o principal, do início dos deslocamentos foram as causas naturais, as quais forçavam os indivíduos a buscarem meios de sobrevivência, levando-os a novos caminhos, a trabalho, a lazer e, mais atualmente, à educação.

Gradativamente, esse sistema de deslocamento foi se aprimorando e se tornado parte da vida das pessoas. Contudo, para realizá-lo, é necessário que haja planejamento. A título de exemplificação, um indivíduo que trabalha, tem filhos e outras obrigações pessoais não pode simplesmente aderir ao deslocamento; deve analisar cada ponto do seu contexto até chegar a uma decisão. Dito de outro modo, é mister entender que existem diversos fatores que circundam o dia a dia de quem se desloca, não é somente a ação que pratica, é um conjunto de fatores que possibilitam esse deslocamento.

Também devemos considerar que a pendularidade motivada pela vontade de alargar os estudos pode ir ao encontro do desejo de trabalhar. Ora, uma das razões do estudo é a busca por trabalho e/ou melhores condições de trabalho. Muitos já possuem um trabalho, porém ele pode não ser de todo satisfatório, ou não suprir as necessidades básicas na área financeira, levando o indivíduo a buscar outras oportunidades.

Consoante Jardim (2011), a migração pendular, ou diária, corresponde a um fenômeno urbano, visto especialmente nas grandes cidades. O processo ocorre quando milhões de



pessoas que compõem o PEA (População Economicamente Ativa) deixam suas residências antes do horário comercial para chegar ao trabalho e, ao final da tarde, ou do expediente, voltam para casa.

Ojima (2006) aduz:

Deslocamentos cotidianos horizontais entre cidades pequenas ou entre cidades médias, ou entre médias e pequenas, com uma pluralidade de orientações e destinos apresentam novas dinâmicas no urbano não metropolitano que ainda não estão bem delineadas e que não passam necessariamente pelos espaços metropolitanos centrais (OJIMA, 2006, p. 104).

Com efeito, movimento pendular ou migração diária se dá pela ação de deslocamento de um local para outro, visando a estudo, trabalho ou lazer, quer no âmbito municipal, quer no âmbito estadual.

Com o passar do tempo, esse comportamento foi se disseminando e sendo inserido cada vez mais no cenário educacional. A princípio, conforme já mencionado, o processo em tela se deu para fins de trabalho, ou seja, pessoas que faziam uso de deslocamento diário eram trabalhadores que saíam de suas casas no início do dia e retornavam no fim da tarde ou ao anoitecer. Tal movimento abarcava pessoas que moravam longe de seus trabalhos, em bairros afastados ou até mesmo em outros municípios. Hoje em dia, o deslocamento se tornou parte da vida das pessoas e está presente em áreas diversas.

Sendo assim, cumpre destacar o sistema educacional, o qual intensificou o movimento pendular. Este facilita formas de ingresso e permanência em um educandário, sendo que o deslocamento é bem mais comum no âmbito universitário, sobretudo por pessoas mais jovens.

É substancial dizer que o conceito de migração teve mudanças no decorrer dos anos, passando de um fator isolado, como o ato de locomover-se, para diversos significados e sentidos. Neste texto, trabalhamos com uma de suas vertentes mais recorrentes, a migração pendular.

Francellino (2020) afirma que a migração pendular se refere aos deslocamentos diários dos indivíduos para realizar ações de sua vida cotidiana: trabalho, estudo, lazer, entre outros. Mas não é só isso, é muito mais que um movimento de idas e vindas das pessoas, é também viver o lugar, de modo que se relaciona com outros indivíduos, compartilha no seu cotidiano sentimentos, dificuldades, superações e experiências.

Sem dúvidas, a migração pendular ou movimento pendular, por mais simples que pareça, é uma área de pesquisa que precisa ser estudada e compreendida em diversas perspectivas. Isso porque um entendimento único não consegue definir tal ação.

Nesse universo, o ato de deslocar diariamente começou a fazer parte da vida dos acadêmicos quilombolas da Comunidade Dona Juscelina, com a possibilidade de os estudantes ingressarem em uma instituição de ensino superior. O movimento de migração diária foi se desenvolvendo e inserindo cada vez mais acadêmicos, todos com o mesmo intuito: formação em nível superior.



Dessa forma, podemos considerar os deslocamentos do estudante como algo que acontece gradativamente, à medida que o acadêmico dá início a sua jornada até a universidade e passa a utilizar da migração diária e/ou do movimento pendular.

O movimento pendular, no caso dos acadêmicos quilombolas, traz consigo experiências que, de certa forma, irão agregar conhecimentos e vivências diferenciadas. O compartilhamento de sentimentos, dificuldades, superações, ou a própria interação dos indivíduos modificam seus olhares e suas ações.

Esse processo interfere diretamente na sua formação cultural e nas suas tradições, em torno do grupo familiar e comunidade quilombola.

A manutenção de dada cultura se dá pela preservação de seus traços identitários, porém sempre passam por transformações que ocorrem em consequência de contatos e conflitos entre as diferentes formas das organizações sociais.

Nesse âmbito, a cultura também é um processo educacional diretamente ligado à escolarização. Assim, observamos que o ensino superior é um ambiente plenamente propício para se desenvolverem novas experiências que contemplem a população negra que faz parte da comunidade quilombola em tela.

A importância de levarmos em consideração os saberes populares e culturais no espaço de formação educacional é proporcionar uma conexão com as experiências tradicionais dos estudantes e profissionais, visto que os processos de formação, quase sempre, transmitem um conhecimento para além dos saberes locais.

Entendemos que a educação oportuniza uma conexão entre o saber científico e as experiências culturais que os alunos carregam, sem, no entanto, mesclar esses saberes ou sobrepor um ao outro. Assim, assume o papel de produzir ambientes democratizantes e que atendam as demandas de estudantes de contextos empobrecidos e pertencentes a grupos minoritários da sociedade. Certamente, “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade [...]” (BRANDÃO, 2007, p. 10).

Uma educação para todos precisa inserir, de fato, todas as pessoas e, assim, possibilitar que todas elas se reconheçam no processo de formação, sem segregações e discriminação entre os sujeitos que destoam do projeto hegemônico educacional.

A emancipação das práticas culturais ainda é uma grande luta, é um caminho longo a ser trilhado pela busca do respeito às diversas culturas encontradas nos espaços de ensino, que não são espaços de múltiplas práticas culturais, daí a importância da resistência às imposições que essas práticas manifestam.

Por outro lado, para esses estudantes, além da complexidade, há o deslocamento diário, que pode ser problemático, em razão da dificuldade de conciliar horários. São pessoas culturalmente diferentes, com afazeres e metas distintas.

As comunidades quilombolas são grupos diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas, às vezes próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos.



Salientamos que nesses contextos há sobretudo uma organização da vida na comunidade. Esse território se construiu a partir da aglutinação de vários fatores, a partir de inter-relações tipicamente inseridas no lugar.

Dessa forma, as comunidades remanescentes de quilombos são consideradas povos tradicionais que ocupam grande parte do território nacional.

No caso da pendularidade dos acadêmicos aqui trabalhada, ela tem relação com mudanças socioeconômicas, culturais e sociais; não é somente o ato de ir e vir, é todo o conjunto, desde o deslocamento até a troca de saberes no local da partida e da chegada.

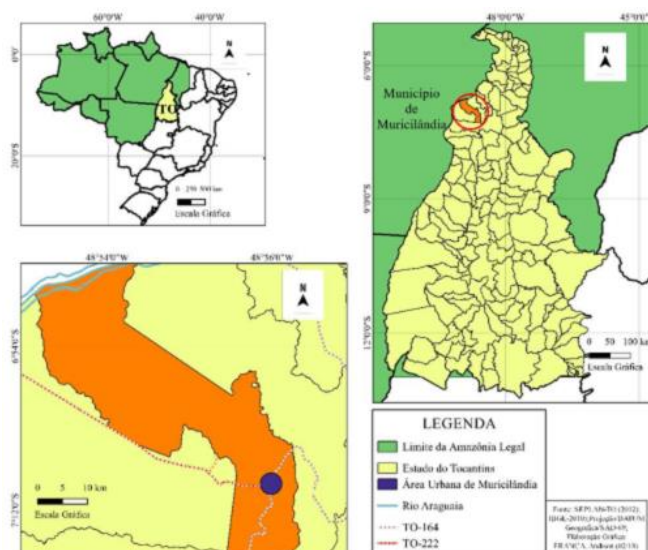
De acordo com Tavares (2019):

A mobilidade espacial da população é um processo social marcante na constituição do espaço urbano-regional, decorrente das transformações da sociedade, dos modelos econômicos, da localização das atividades produtivas, das chances de acesso aos bens e serviços públicos e privados, entre outros fatores (TAVARES, 2019, p. 34).

Rebelho (2020) endossa esse posicionamento ao afirmar que o movimento pendular mostra relevância no contexto atual devido às necessidades em constante evolução, que estão atreladas à busca por oportunidades de emprego e formação educacional nas relações complexas entre regiões resultantes das mudanças nas dinâmicas econômicas e demográficas.

Certamente, esse processo é uma via de mão dupla: possibilita ao indivíduo a inserção tanto no mercado de trabalho quanto no meio educacional, sem que este indivíduo precise necessariamente se mudar. Porém, exige tempo, alteração de rotina e horários e afastamento diário do seu grupo de convivência.

Ainda nesse debate, pontuamos que a saída dos estudantes quilombolas de Muricilândia-TO ocorre no período da tarde, mais precisamente no fim da tarde, às dezessete horas (17h), com o tempo estimado de aproximadamente uma a duas horas (2h) para percorrer todo o percurso até a universidade em Araguaína-TO. O retorno à cidade de origem costuma ser a partir das vinte e duas horas e trinta minutos (22h30min). Esse tempo leva em consideração o tempo de paradas destinadas à entrada e saída dos estudantes no transporte escolar. A distância entre as duas cidades é de cinquenta e cinco quilômetros (55km).

Mapa 1 - Localização do município de Muricilândia

Fonte: Elaborado por FRANÇA, Anderson Antonio de Oliveira (2022).

O mapa expõe a área municipal e urbana de Muricilândia dentro do contexto estadual e federal; assim, a compreensão de espaço se torna mais abrangente. Já o mapa 02 faz referência ao município de Muricilândia e à cidade de Araguaína-TO.

Segundo Santos, Queiroz e Silva (2021), dez anos após a fundação do povoado de Muricilândia, atual município tocantinense de mesmo nome, chega em 1968 a família Gomes, oriunda do estado do Maranhão, e se estabelece no povoado. Faz parte do clã Lucelina Gomes dos Santos, popularmente conhecida como “Dona Juscelina”, a matriarca da comunidade quilombola.

Dona Juscelina era a líder e matriarca do quilombo de mesmo nome até o seu falecimento no ano de 2020. Nascida em 24 de outubro de 1930, no município de Nova Iorque-MA, morou em Pastos Bons-MA e migrou com sua família para Cristalândia-TO e, em 1962, para Muricilândia. A família traz consigo heranças da cultura negra e afrodescendente e memórias de seus antepassados, da luta contra a escravidão, que prevaleceu no Brasil até o ano de 1888.

Entre os primeiros habitantes de Muricilândia e os membros da família Gomes, era Dona Juscelina a principal protagonista na transferência dessas memórias, com ancestralidade africana, por meio da oralidade, aos demais habitantes que formam a atual comunidade quilombola. Desta forma, ergue-se como ícone do grupo e se torna a matriarca da Comunidade Quilombola Dona Juscelina - CQDJ.

Atualmente, a maior parte dos membros da comunidade encontra-se segregada na zona urbana do município, embora existam alguns quilombolas espalhados pela zona rural.

As comunidades negras passaram e ainda passam por processos históricos de exploração, segregação e discriminação. Atualmente, os negros continuam marginalizados socialmente e, quanto às comunidades quilombolas, encontram-se desprovidas de direitos como o direito à terra, saúde e educação diferenciada.

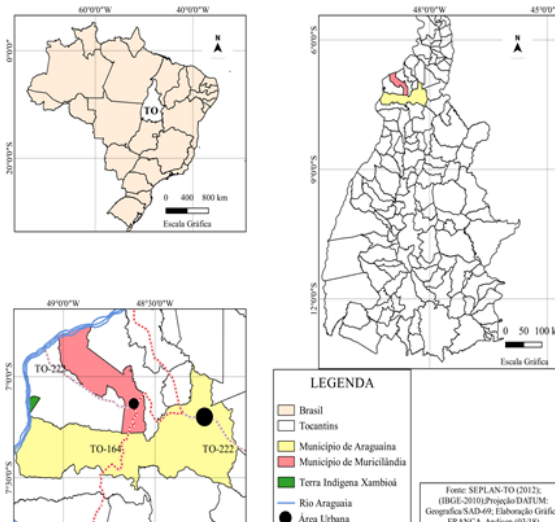


Sobre a cidade de Araguaína, destacamos, de acordo com Queiroz, Lopes e Lessio (2020), que é uma cidade situada na área de transição Cerrado/Floresta Amazônica do Norte do Tocantins. Tem uma economia voltada para a agropecuária e serviços como educação, comércio, bancos, saúde, em seu raio de influência como cidade polo dos municípios adjacentes e de municípios do Sudeste do Pará, Sul do Maranhão e Piauí, que buscam, sobretudo, a prestação de serviços de educação superior.

Segundo dados do IBGE (2018), Araguaína apresenta dinâmicas diferenciadas das demais cidades da região, fazendo com que se configure como cidade polo de uma grande região e, também, apresenta-se como uma cidade média no contexto regional, é a segunda maior cidade do estado. A cidade se localiza na Região Geográfica Intermediária de Araguaína. A propósito, esta é uma das três regiões intermediárias do estado do Tocantins e uma das 134 regiões intermediárias do Brasil, criadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017.

É composta por 65 municípios, distribuídos em cinco regiões geográficas imediatas. Araguaína é o município mais populoso da região intermediária, com 177. 517 habitantes. A cidade em questão possui uma localização estratégica, porque possui limites fronteiriços com os estados do Maranhão e do Pará. Muitas pessoas se encontram distantes das principais prestações de serviços das respectivas capitais desses estados e mais próximas dos serviços do estado do Tocantins. Diante disso, a maioria delas busca serviços de saúde e educação em Araguaína. Por possuir uma grande atratividade, a cidade se destaca na oferta de educação básica e superior, pública e privada, com grande área de influência regional no Norte do Tocantins, recebendo muitos estudantes, tanto para a educação básica, quanto para o ensino superior. A Universidade Federal do Tocantins, no *campus* da cidade de Araguaína, tem muitos estudantes de outros estados, principalmente do Pará e Maranhão.

Mapa 2- Localização de Muricilândia e Araguaína



Fonte: Elaborado por FRANÇA, Anderson Antonio de Oliveira (2022).



Apesar de as duas cidades estarem próximas no mapa, o conceito utilizado para designar dificuldades vai além da distância física. É essencial compreender questões como as que já foram postas neste trabalho: mudança de rotina, tempo de estudo, trabalhos extraclases.

O movimento pendular como possibilidade de formação superior na CQDJ

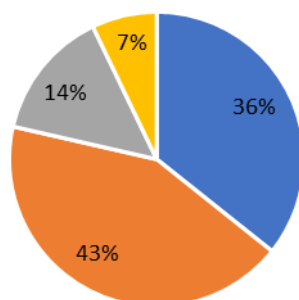
Quando se trata de movimento pendular, não é somente o fator distância de um ponto ao outro que é analisado, e sim todos os fenômenos que envolvem tal ação.

Para esse entendimento, foi elaborado um questionário e disponibilizado aos acadêmicos da CQDJ que fazem uso do movimento pendular. Abordaram-se questões sobre a faixa de idade, o perfil socioeconômico, a convivência, as dificuldades e vantagens desse deslocamento diário.

Apresentamos a seguir o gráfico referente à idade dos acadêmicos. Obtivemos quatorze (14) respostas.

Gráfico 1: Idade dos acadêmicos

■ 18 a 24 ■ 24 a 30 ■ 30 a 36 ■ Acima de 36



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Com as informações do gráfico 1, percebemos que há uma variedade de idade. Pensamos que isso poderia ser um fator para divergências de ideias. Mas, com base na questão sobre a convivência, essa variedade não mostrou ser um fator determinante. Conforme os dados, a constatação foi outra, pois, apesar da diferença de idades, a convivência entre os acadêmicos durante o percurso foi considerada positiva pela maioria desses estudantes.

O levantamento feito com os acadêmicos da Comunidade CQDJ mostra que a convivência se mantém dentro do “normal” e “boa”. Então, comprova-se que, durante o percurso, parte da vida cotidiana não é responsável por produzir problemas de convivência.

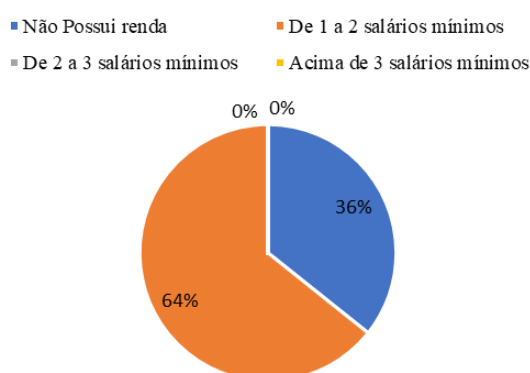
Durante a pendularidade, é possível notar o misto de experiências e condições que estão dispostas, seja durante o deslocamento dentro do ônibus, seja no ambiente da



universidade, no caso, a UFT. Essas menções de afeto remetem a dois lugares – o cotidiano dos acadêmicos em seu convívio na instituição e em sua cidade de origem Muricilândia-TO. O sujeito presente nesse cotidiano, tendo em vista sua própria experiência, desenvolve o afeto por tais lugares, logo é possível notar momentos de alegria ou tristeza. Consoante o ambiente e as pessoas se apresentam, o acadêmico estará acolhido ou excluído. Quando falamos de dificuldades nesses espaços, temos que nos atentar aos detalhes, visto que a afetividade, ou não, depende de diversos significados.

Em outra questão, acerca do perfil financeiro, levando em consideração que o local de residência dos acadêmicos é um município pequeno e pobre, apresentamos o Gráfico 2.

Gráfico 2: Renda mensal dos estudantes



Fonte: Elaboração própria, 2021.

O gráfico 2, sobre a renda mensal, diz respeito a uma comunidade simples, onde o produto interno bruto (PIB) gira em torno da agropecuária e da administração pública.

O levantamento de tal questão serve para deixar claro como a pendularidade desenvolve a acessibilidade para todos. Contudo, a permanência é algo que muitos estudantes não conseguem, em virtude de vários fatores: desgaste da viagem, conciliar estudos e trabalho, entre outros. Dito de outro modo, o deslocamento diário, além de uma oportunidade que se abre, pode ser também uma ação difícil de ser mantida.

Outro ponto que influi nessa questão são os afazeres extraclasse. A maioria dos trabalhos acadêmicos precisam ser desenvolvidos em grupo e, na maioria das vezes, o acadêmico não pode dispor de tempo e recursos para as reuniões.

Voltando ao gráfico 2, vimos que boa parte dos entrevistados não possui renda, ou seja, dependem de familiares ou outros. Tal situação acaba se tornando outro ponto de suma importância e relevância quando se trata de pendularidade.

Com base também no gráfico 2, a renda mensal dos acadêmicos, atrelada ao fato de que a instituição de ensino se encontra em um município vizinho – o deslocamento e a estadia têm custos –, evidencia que a existência de um transporte intermunicipal gratuito se torna a principal via de acesso à instituição de ensino superior. Na verdade, o transporte intermunicipal gratuito é um fator condicionante para o ingresso e a permanência. A ausência

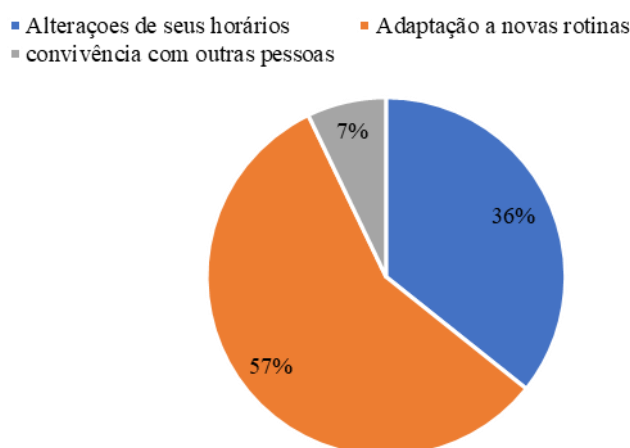
desse transporte para os estudantes quilombolas acarretaria entraves e dificuldades na conquista de um diploma e uma certificação de nível superior.

Os fatores que fazem uma pessoa sair do seu lugar para outro, muitas vezes inexplorável e repleto de diferenças, valores culturais, sociais, políticos, provocam mudanças na identidade, em função de as interações sociais produzirem mutações constantes.

De acordo com o que foi descrito, entendemos que o fator adaptação a outro espaço, ou espaços diferentes, pode interferir na relação da pessoa com ela mesma e/ou com os pares. Não por acaso, o tamanho da população, a cultura, entre outros fatores, são pontos que causam estranhamento a alguns. Em um espaço totalmente diferente do habitual e com pessoas com gostos e posições opostas, este pode vir a ser um empecilho para alcançar o objetivo, nesse caso, o tão sonhado diploma de ensino superior.

Nesse âmbito, O gráfico 3 trata de situações como a adaptação a novas rotinas e a convivência com outras pessoas.

Gráfico 3: Maiores dificuldades enfrentadas durante o deslocamento



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Consoante o gráfico 3, a maioria entende que a adaptação a novas rotinas é o fator que tem maior peso nas dificuldades, seguida das alterações de horários. Isso seria a adaptação ao ir e vir e o tempo disposto para tal ação. Na terceira posição, está a convivência com outras pessoas.

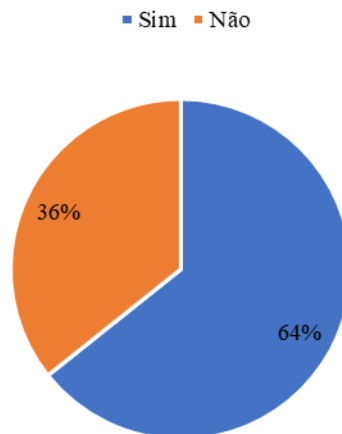
Sobre os horários, podemos citar o desgaste, porque é necessário conciliar horário de saída, horário de chegada, tempo na estrada, e, para os acadêmicos que possuem trabalho, tal tarefa se torna bastante complicada. Dessa forma, todos os fatores expostos têm seu peso quanto ao deslocamento, assim a migração diária vai muito além do que o simples ir e vir.

Outro ponto a ser considerado diz respeito aos estágios obrigatórios, que exigem mais deslocamentos e estadia na universidade. Com isso, alguns acadêmicos optam por mudar-se para locais próximos à cidade-sede da universidade. Outros não podem mudar e permanecem



no município onde reside, devido a trabalho e questões familiares. Outros (não poucos) acabam abandonando a universidade. O gráfico 4 traz respostas abertas desse questionamento.

Gráfico 4: Havendo a possibilidade de mudança para a cidade do *campus* universitário, você deixaria a pendularidade?

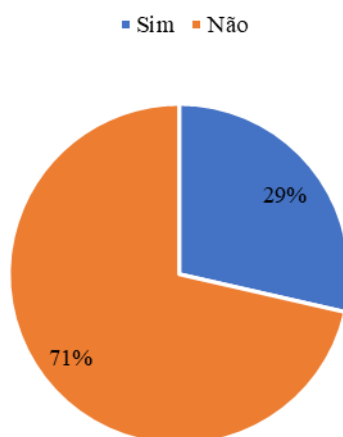


Fonte: Elaboração própria, 2021.

Vemos que a pendularidade, ainda que seja uma facilitadora para o meio educacional, também exige bastante, tanto que a maioria, 64%, conforme o gráfico 4, preferiria se mudar para a cidade. Possivelmente, as difíceis condições econômicas, descritas no gráfico 2, são responsáveis pela maior permanência de estudantes na pendularidade.

O tempo disponível para estudos é um ponto de grande peso, afinal o ensino depende de foco e bastante atenção. Como alguns acadêmicos têm suas rotinas difíceis e cheias, uma oportunidade de estudo seria o período de deslocamento até o *campus* universitário. Entretanto, é uma tarefa árdua, visto que é necessário concentração na leitura e atenção para absorção do conteúdo estudado. Assim, acaba sendo uma dificuldade a mais. Consequentemente, poucos conseguem desenvolver tal tarefa. O gráfico 5 aborda essa questão.

Gráfico 5: Estudos durante o período de deslocamento até o *campus*



Fonte: Elaboração própria, 2021.

O gráfico 5 confirma que poucos, 29%, conseguem desenvolver o estudo durante o período de deslocamento, enquanto a maioria, 71%, não consegue. São diversos fatores que levam esse acadêmico a se utilizar do tempo de deslocamento para fins de estudo, a saber: trabalho e rotina familiar, conforme supracitado no texto.

Tendo em vista que o sistema de pendularidade é parte da rotina semanal dos estudantes quilombolas, trouxemos as respostas¹ das vantagens e desvantagens da pendularidade no acesso ao ensino superior, apresentadas a seguir:

Acad. 1: *Boas, facilita o acesso ao ensino, desvantagem é o tempo que demora pra chegar.*

Acad. 2: *Vantagem, não precisar sair da cidade em que resido e tenho afeto, desvantagem, muito cansativo e puxado.*

Essas falas comprovam o que foi exposto no texto: a demora dos deslocamentos é um obstáculo para o estudante.

Grande parte das respostas dos estudantes demonstram que o ambiente acadêmico é muito bom, mas, por outro lado, ruim pelo desgaste causado, devido às idas e vindas diárias.

Acad. 3: *Vantagem poder fazer o curso sem mudar de cidade, desvantagem horários.*

Muitos demonstraram afeto e apego ao local de origem e vivência.

Desse modo, boa parte dos acadêmicos que responderam o questionário possui vínculo com seu local de origem, e isso é um dos motivos que tornam a pendularidade um meio tão importante. Ora, a permanência em um ambiente, local de memórias de afeto, é algo que vai além do valor econômico das coisas. Isso pode ser confirmado nas reflexões de Pollice (2010), segundo o qual a identidade geográfica, de fato, é antes de tudo um produto cognitivo; resultado de um processo de análise e de representação que nos permite elucidar um determinado âmbito espacial do próprio entorno.

Acad. 4: *Vantagens: Permanecer em seu local de origem e com o convívio familiar. Desvantagens: Desgaste físico e mental.*

¹ As respostas dos acadêmicos comportam a transcrição diplomática. Assim, são colocadas no texto conforme foram elaboradas, sem sujeitá-las a uma correção gramatical.



As respostas foram similares e apontam que o local de origem tem seu valor sentimental. Uma afirmação de grande pertinência é quanto ao desgaste que ocorre entre estudar, ir e vir, afazeres familiares e, também, para alguns, a rotina de trabalho.

São pontos que exigem bastante atenção, porquanto o desgaste, físico e mental, é um problema que afeta o estudante, porque é destinado diariamente uma grande doação para conquistar o “tão sonhado diploma de nível superior”.

Noutro giro, cumpre sublinhar que o período pandêmico afetou a todos. A título de esclarecimento, com a forma de ensino remoto, o contato presencial com o *campus*/UFT ficou praticamente nulo. E, com o passar do tempo, a universidade foi buscando maneiras de promover encontros, de acordo com as normas sanitárias previamente estabelecidas, seguindo o protocolo de poucos alunos por vez, para atendimento pelos professores. Nesse contexto, surgiu o ensino remoto emergencial -ERE.

Por isso, foi elaborada a seguinte questão: “Como ficou seu contato com o *campus* universitário após o início da pandemia de covid-19 em 2020?”.

Essa questão se fez necessária, pelo fato de ser essencial a conversa entre discente e docente, tanto para os ingressantes quanto para os formandos. Para os ingressantes, é mister conhecer como funciona um *campus* universitário e quais normas e procedimentos são aplicados no local. Já para os formandos, é crucial para orientação de trabalho de conclusão de curso, conclusão de carga horária, entre outras situações que são necessárias ao estudante prestes a concluir o ensino superior. Obtivemos as seguintes respostas:

Acad. 1: *Zero. Nunca mais passei nem em frente. Somente on-line.*

Essa foi a situação de muitos acadêmicos, pois boa parte não teve contato com o *campus* de forma presencial, somente nos ambientes virtuais. Para o universitário que está acostumado com a forma de ensino presencial, é uma situação difícil e delicada, pois foi necessário um recomeço no percurso acadêmico.

Portanto, o ERE apresentou pontos positivos e negativos. Uma das questões mais difíceis é a falta de disponibilidade de todos os recursos presenciais que a instituição oferece.

Acad. 2: *Após a pandemia, nunca mais tive contato com o campus universitário.*

Como dito anteriormente, a maior parte do contato com as dependências do *campus* foi suspensa.

Acad. 3: *Nesse quesito não tive problemas, a coordenação sempre atendeu muito bem a quem necessita de alguma ajuda.*

Acad. 4: *Fui poucas vezes.*

Com essas afirmações, vemos que alguns acadêmicos tiveram um certo contato presencial com a instituição, mesmo em período pandêmico. Vale ressaltar que essas visitas ao *campus* estavam dentro das normas de proteção sanitária, e o acadêmico fez o uso de máscara e álcool em gel. Sendo assim, alguns acadêmicos visitaram a instituição, mas a maioria não teve qualquer contato com o *campus* de forma presencial.

É certo que, à luz de tudo que foi exposto, a pendularidade, apesar de todos os problemas, pode ser uma alternativa, ou a única, para muitos estudantes quilombolas conseguirem alcançar melhores condições de vida. Tal fenômeno possibilita alargar o conhecimento e aperfeiçoar habilidades no campo educacional e profissional.



A grande importância da pendularidade para os estudantes quilombolas pode ser evidenciada no período da pandemia de covid-19, mediante as análises que apresentaremos a seguir.

A pendularidade CQDJ em meio à pandemia de covid-19

Com o avanço da pandemia de covid-19 no ano de 2020, muitas instituições tiveram que parar suas atividades presenciais, pois tratava-se de um vírus letal e de fácil transmissão. O ensino remoto emergencial foi o mecanismo utilizado para manter, ainda que em menor grau, as atividades docentes e discentes.

A pandemia causou a alteração do acesso às universidades, uma vez que uma das medidas de proteção contra a doença foi o distanciamento social e a suspensão do ensino presencial. Como consequência, muitos acadêmicos apresentaram dificuldades e interromperam os estudos.

Segundo Fior e Martins (2020), o ensino remoto trouxe novas demandas à docência universitária e despertou preocupações com a possibilidade de essa situação excepcional potencializar desigualdades, já que as condições de trabalho dos docentes e dos discentes, de domínio e acesso às novas tecnologias, de situações econômicas, sociais e de saúde física e mental são distintas.

O acesso remoto foi a opção encontrada pelas universidades para não atrasar o processo de ensino e aprendizagem dos discentes. Essa modalidade serviu tanto para manter muitos estudantes na universidade, como também para potencializar desigualdades. Conforme já reiterado nesta pesquisa, as condições dos acadêmicos da CQDJ são deficientes, já que dispõem de poucos recursos, logo o ensino remoto se apresentou como uma grande dificuldade a ser enfrentada.

A migração pendular dos estudantes quilombolas foi suspensa, e essa forma de chegar até a universidade deu lugar ao acesso pelas tecnologias. Os acadêmicos, que, de certa forma, já estavam adaptados ao ensino presencial, viram-se perante um novo cenário, o qual necessitava de adequação rápida. Isso, para muitos, foi um grande desafio, haja vista que não possuíam domínio dos recursos digitais e acesso à internet de qualidade.

Para Barreda e Garcia (2020), as iniciativas de ensino remoto foram criadas emergencialmente, com a finalidade de proporcionar soluções de curto prazo e manter, dentro do possível, a continuidade nos processos de ensino e aprendizagem. Porém, as soluções adotadas dependiam muito da capacidade estrutural de cada município, principalmente do acesso à internet.

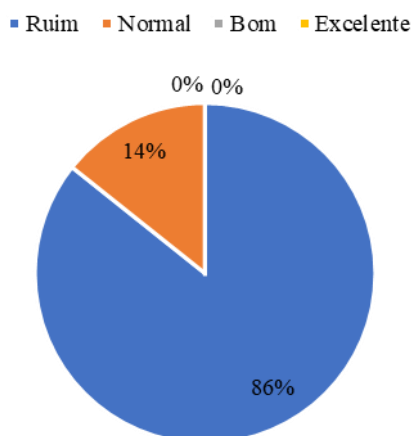
O Ensino Remoto Emergencial (ERE) valeu-se de recursos que normalmente não são utilizados no ensino presencial, buscando preencher a lacuna causada pela pandemia. Esses recursos tecnológicos fizeram a ponte entre aluno e professor, todavia não conseguiram atender a todos. Isso porque o aluno que não tinha tanta familiaridade com as ferramentas digitais foi prejudicado em seu percurso acadêmico.

Seguindo nesse raciocínio, é fato que o ERE ajudou alguns estudantes, proporcionando continuar com os estudos, mesmo a distância, e não atrasar os períodos



letivos. Contudo, para os estudantes que não tinham o hábito de utilizar tais meios, por exemplo, os acadêmicos quilombolas, a interrupção da pendularidade trouxe embargos à aprendizagem. Essa informação pode ser confirmada no gráfico 6 a seguir:

Gráfico 6: A aprendizagem durante a interrupção da pendularidade

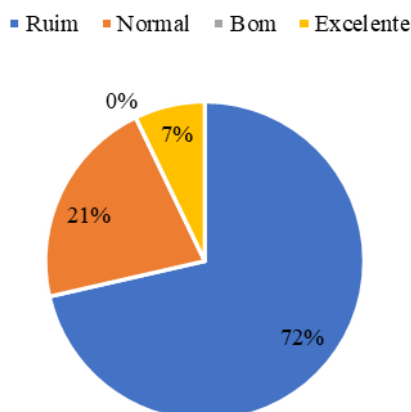


Fonte: Elaboração própria, 2021.

O gráfico 6 mostra que a maioria dos acadêmicos quilombolas não obtiveram um bom rendimento no aprendizado com a interrupção da pendularidade. 86% das respostas disseram que a aprendizagem ficou “ruim”, e apenas 14% consideraram que ficou normal. Presume-se que o resultado advém do desânimo e da falta de habilidade dos estudantes em lidar com as plataformas digitais.

Essa conjectura pode ser confirmada na questão 7:

Gráfico 7: Avaliação da aprendizagem no sistema de ensino remoto on-line durante a pandemia de covid-19



Fonte: Elaboração própria, 2021.



O gráfico 7 atesta o exposto, ou seja, a maioria não tem uma boa relação com o ensino e a aprendizagem on-line. Entretanto, é fulcral sempre lembrar que esse modelo é emergencial e não teve tempo para uma adaptação adequada. Destarte, a UFT é essencialmente uma instituição de ensino presencial, daí podemos compreender as dificuldades.

Nesse sentido, pensamos que, para o futuro, essa experiência possa vir a interferir no ingresso de estudantes à universidade, na medida em que houve uma certa facilidade de acesso para alguns, enquanto outros tiveram mais embaraços, de toda ordem, mas, principalmente, social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, mostrou-se a pendularidade como fator determinante para a formação em nível superior dos estudantes quilombolas da comunidade Dona Juscelina, no Tocantins.

Os resultados dessa análise evidenciaram a perspectiva e os entraves para a educação de vários estudantes, pois a discussão envolveu vivências e convivências em deslocamentos diários. E, a partir disso, foi possível notar a rotina diária dos acadêmicos quilombolas para a continuidade de estudos.

Quanto aos sentimentos durante o percurso, os estudantes quilombolas demonstraram que existe afetividade e bom relacionamento uns com os outros, afinal “todos estão no mesmo ‘barco’, ou melhor, no mesmo ônibus”. Ora, vivenciam, juntos, preocupações, angústias, mas também alegrias e realizações.

Com relação às inúmeras dificuldades, destacamos a adequação aos horários, o desgaste do deslocamento, porque a saída ocorre ainda durante o dia e a chegada, no início da madrugada. Além disso, há as responsabilidades acadêmicas entre a chegada e a nova partida, e o cansaço é constante, devido ao trabalho e às obrigações familiares. Nessa seara, restou esclarecido que a relação entre trabalho e estudo demanda muito tempo e necessita de bastante empenho e dedicação.

Não obstante, a última parte mostrou que os problemas se intensificaram após a interrupção da pendularidade, medida tomada por causa da pandemia de covid-19 e implantação do ensino remoto emergencial –ERE. Este, apesar de possibilitar a continuação dos períodos letivos, não conseguiu sanar as lacunas da ausência de atendimento presencial na universidade, afetando a todos, em menor ou maior grau.

Desse modo, a pendularidade para os estudantes quilombolas da Comunidade Dona Juscelina – CQDJ – é de suma importância para a formação acadêmica. Representa um fenômeno que viabiliza o acesso à educação superior e à qualidade de vida. Ora, a partir de uma boa formação, é possível almejar melhores condições sociais e econômicas e alcançá-las.

Em suma, este trabalho mostrou desafios de formação para os estudantes quilombolas, que, na maioria das vezes, passam despercebidas, sobretudo por serem corriqueiras em regiões com municípios-polo de educação, como a cidade de Araguaína – TO, os quais se sobrepõem entre os demais núcleos urbanos menores, por exemplo, Muricilândia – TO, e exercem forte influência em seu entorno, seja na educação, seja na saúde, seja em outros



serviços. Certamente, tais dinâmicas são fundamentais para muitas pessoas no decorrer da trajetória universitária, como no caso da Comunidade Dona Juscelina – CQDJ.

AGRADECIMENTOS

À Pró-reitora de pesquisa da Universidade Federal do Norte do Tocantins-PROPESQ/UFNT.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. G. N. A importância da metodologia científica através do projeto de pesquisa para a construção da Monografia. **Folha de Rosto**, v. 2, n. 1, p. 57-66, 2016.

BARREDA. S. V. M. B.; GARCIA.L. M. A. Desafios para a continuidade da formação de professores em tempo de pandemia na fronteira. **Revista GeoPantanal**, v. 15, n. 29, p. 80–92, 2020.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CACHINHO, H. Inovações didáticas e ensino da Geografia: do potencial da aprendizagem baseada em problemas. **Congreso Ibérico de Didáctica de Geografía**: Aportaciones de la Geografía en el aprendizaje a lo largo de la vida, At Málaga, Espanha, 2011.

FIOR, C. A.; MARTINS, M. J. A docência universitária no contexto de pandemia e o ingresso no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, p. 1–20, 2020. DOI: 10.35699/2237-5864.2020.24742. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/24742>. Acesso em: 11 set. 2021.

FRANCELLINO, S. M. R. de L. Migração pendular de estudantes universitários na região de Aquidauana - Mato Grosso do Sul - Brasil. **Trajectorias Humanas Trascontinentales**, n. 6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25965/trahs.2395>. Acesso em: 13 set. 2022.

GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, jul./ago., 1995.

JARDIM, A. P. Movimentos pendulares: reflexões sobre a mobilidade pendular. In: IBGE. **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Estudos e Análises de Informação Demográfica e Socioeconômica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nº 1., p. 1-60, 2011. Disponível em:



http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/deslocamentos.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.

OJIMA, R.; MARANDOLA JR, E. **Mobilidade populacional e um novo significado para as cidades: dispersão urbana e reflexiva na dinâmica regional não metropolitana**. Revista brasileira de estudos urbanos e regionais, v. 14, n. 2, p. 103-103, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2012v14n2p103>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PERFIL Socioeconômico dos Municípios do Tocantins. **Diretoria de Pesquisa e Zoneamento Ecológico-Econômico**. Edição 2013. <https://central3.to.gov.br/arquivo/227350/>. Acesso em: 12 set. 2022.

POLLICE, F. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. **Espaço e cultura**, n. 27, p. 7-24, 2010.

QUEIROZ, A. M. D. (Org). **Formação de professores em geografia: vivências teórico-práticas no norte do Tocantins**. In: QUEIROZ, M. D.; LOPES, A. P.; DINIZ, V. L. (Org.). Palmas, TO: EDUFT, 2020.

REBELLO, S. M. Migração pendular de estudantes universitários na região de Aquidauana-Mato Grosso do Sul-Brasil. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**, n. 6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25965/trahs.2395>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SANTOS, K da S; QUEIROZ, A.M.D.; SILVA, E da. E. Educação, Desigualdade Social e Território Quilombola: análise sobre as práticas culturais emancipatórias no currículo e Projeto Político-Pedagógico (2017) da Escola Estadual de Muricilândia-TO. In: SILVA, J. N.; DRUMOND, V.; REIS, C. P. (Org.). **Educação, pobreza e políticas públicas: volume 3**. Palmas, TO: EDUFT, 2021. 199 p.; il.; color.; (Coleção EPDS).

SANTOS, M. **A natureza do espaço** São Paulo: Hucitec, 1997.

TAVARES, É; MONTEIRO, J. Movimentos pendulares para trabalho e estudo: estratégias metodológicas a partir dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. **Geosul**, v. 34, n. 73, p. 33-58, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n73p33>. Acesso em: 10 dez. 2023.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman editora, 2015.

HISTÓRICO

Submetido: 27 de outubro de 2023.

Aprovado: 22 de março de 2024.

Publicado: 19 de dezembro de 2024.



DADOS DO(S) AUTOR(ES)

Antônia Marques Duarte Queiroz

Doutorado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) 2016. Professora do magistério superior na Universidade Federal do Norte do Tocantins-UFNT, Araguaína, Tocantins, Brasil. Rua Águas Claras, número 445, setor noroeste. CEP: 77824-030.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2074-2928>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7912274422016214>

E-mail: antonia.queiroz@ufnt.edu.br

Lucas Espíndola da Silva

Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFNT). Estudante de História na Universidade Federal do Norte do Tocantins-UFNT, Araguaína, Tocantins, Brasil. Rua Águas Claras, número 445, setor noroeste. CEP: 77824-030.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1024-0713>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5317951616904805>

E-mail: lucas.espindola10@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

QUEIROZ, A. M. D.; SILVA, L. E. Os desafios da migração diária para a formação superior dos estudantes da comunidade quilombola Dona Juscelina (CQDJ) em Muricilândia-TO. **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 13, n. 25, e11853, 2024.